

19ª SEMANA NACIONAL DE MUSEUS | O FUTURO DOS MUSEUS: **RECUPERAR E REIMAGINAR**

AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM CHAPECÓ



**CRISTIANE CECCHIN
DANIEL DALLA ZEN**

**CARTILHA DE APOIO DIDÁTICO
MUSEU DE HISTÓRIA E ARTE DE CHAPECÓ (MHAC)**

Secretaria
de Cultura

PREFEITURA DE
CHAPECÓ



FICHA INSTITUCIONAL

Realização:

Prefeitura Municipal de Chapecó
Secretaria Municipal de Cultura - SECUL
Museu de História e Arte de Chapecó - MHAC

João Rodrigues
Prefeito de Chapecó

Itamar Agnoletto
Vice-Prefeito de Chapecó

Roselaine Barboza Vinhas
Gerente de Cultura

Sergio Paulo Ribeiro
Coordenador Adm. Ped. de Patrimônio Cultural

Equipe Técnica:

Aline Tavares da Silva - Museóloga
Cledir Giroto - Técnico em Museu / Setor de Pesquisa MASC
Cristiane Cecchin - Técnica em Museu / Setor de Pesquisa MHAC
Daniel Dalla Zen - Técnico em Museu / Setor de Comunicação MHAC
Franciele Maziero - Técnica em Museu / Setor de Comunicação MASC
Cassiano Mignoni - Estagiário Setor Museológico
Matheus Borsa - Estagiário Setor Museológico

FICHA TÉCNICA

Autoria, coordenação e execução do projeto:

Cristiane Cecchin
Daniel Dalla Zen

Design gráfico e diagramação:

Cassiano Mignoni

Colaboração:

Cledir Giroto
Gustavo Feith

Revisão:

Sergio Paulo Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387t

Cecchin, Cristiane

As transformações da paisagem em Chapecó : cartilha de apoio didático Museu de História e Arte de Chapecó (MHAC) / Cristiane Cecchin, Daniel Dalla Zen. – Chapecó : Prefeitura Municipal de Chapecó, 2021.

13 p. : il. color. ; PDF

ISBN 978-65-00-24200-3

1. Chapecó (SC) - História. 2. Paisagens – Proteção – Chapecó (SC). 3. Chapecó (SC) – Desenvolvimento. I. Zen, Daniel Dalla. II. Título.

CDD 981.64

Catalogação na fonte elaborada por Caroline Miotto Pecini CRB 14/1178

SUMÁRIO

AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM CHAPECÓ	04
REFERÊNCIAS.....	11
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS.....	11
OBJETIVO DO JOGO.....	13
INSTRUÇÕES DO JOGO.....	13
CHARADAS.....	13

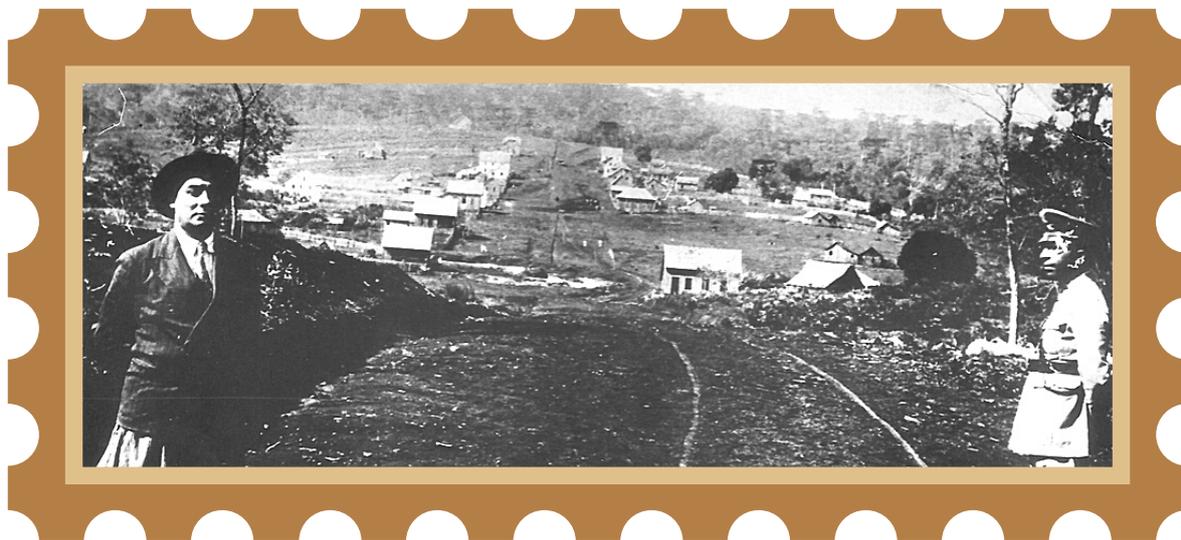


Imagem panorâmica de Chapecó. Década de 1920. Fonte: Acervo MHAC.

AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM CHAPECÓ

Há milhares de anos, muito antes de Chapecó ser fundada, viviam nesta região diversos grupos humanos que se utilizavam, para sobreviver, dos recursos naturais disponíveis no meio ambiente.

Esses grupos, que inicialmente caçavam animais e coletavam frutos, com o passar do tempo passaram a desenvolver outras habilidades que incluía o domínio da natureza, ao perceberem que nem sempre os recursos naturais estariam disponíveis a todo momento. Dessa forma, as pessoas passaram a plantar o próprio alimento, a criar

animais com o objetivo de proverem as necessidades básicas para sua sobrevivência, além de confeccionar vasilhames e outros artefatos em pedra e cerâmica para o armazenamento de alimentos e realização de rituais religiosos e festivos.

Tais grupos humanos, a partir de práticas básicas e de sua maneira de entender e se relacionar com o meio que habitavam, formaram ao longo do tempo, as etnias indígenas que até hoje vivem em nosso território, como a **Kaingang** e a Guarani.



Kaingang



Grupo indígena que ocupa há séculos o Oeste catarinense, o Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul com a conquista dos campos de Palmas. No século passado, perderam parte de seu território para os fazendeiros que vieram instalar suas fazendas de criar (RENK, 2005, p. 79).

Os grupos indígenas viveram por centenas de anos percorrendo boa parte do sul do Brasil, inclusive onde hoje é a região Oeste de Santa Catarina, compreendendo o município de Chapecó. Organizavam-se socialmente por meio de uma estreita relação com o meio ambiente, de onde retiravam os recursos para sobreviverem, transformando de maneira gradual a **paisagem** em que se inseriam.

Paisagem



De acordo com Santos (2008), é o conjunto de formas que representam as relações entre o homem e a natureza. Deste modo, a paisagem pode ser definida como um conjunto de objetos reais e concretos no mundo em que vivemos.

A partir do século XVI, quando o território onde está situado Brasil começou a ser ocupado pelos portugueses, alguns grupos europeus (não

indígenas) começaram a passar por esta região a fim de explorarem toda a sua extensão ainda não definitivamente ocupada.

Acredita-se que o contato entre estes grupos e os indígenas que aqui já habitavam deu origem a outra etnia que vive em nossa região há centenas de anos: os caboclos, também conhecidos por “brasileiros”, etnia que contrastava culturalmente com os colonos imigrantes descendentes de europeus que posteriormente, instalaram-se no Oeste catarinense (RENK, 2006).

Os caboclos conviveram com as etnias indígenas Kaingang e Guarani, compartilhando aspectos culturais e habilidades cotidianas que aproximavam, em diversos pontos, as suas visões de mundo e a maneira como se relacionavam com o meio ambiente.

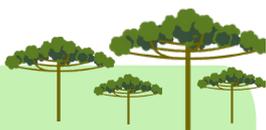




Transportadores de madeira durante a década de 1920/30. Fonte: Acervo MHAC.

Em meio à densa **floresta** de araucárias, grápias, imbuias, cedros e outras árvores nativas que aqui existiam, eles viviam da caça de animais, da coleta do pinhão e principalmente do corte da erva mate, pois havia ervais em abundância na região, tornando-se uma fundamental atividade de subsistência. Das matas extraíam também a madeira disponível para a construção

Áreas florestais



São extensas áreas de terra, cobertas de matas - que é o habitat de índios - "os povos das matas", de plantas e animais. As florestas eram habitadas também pelos brasileiros que delas foram desalojados para instalar as fazendas de crias e mais tarde, para a colonização. (RENK, 2005, p. 81).

de suas moradias - geralmente feitas com lascas de costaneira, telhado de taboinhas de pinheiro e chão batido (sem assoalho) (CEOM, 2008).

Os caboclos possuíam o costume de dividir as terras em "terras de plantar" e as "terras de criar". As terras de plantar ficavam afastadas das casas e próximas dos rios e riachos.

Já as "terras de criar" ficavam próximas às moradias, onde criavam os animais à solta, como galinhas, porcos, bois e cavalos (RENK, 2006). Nas "terras de plantar" era utilizada a técnica da coivara, uma prática já conhecida pelos grupos indígenas, que consistia na derrubada da mata e queima da floresta.

As terras de plantar eram utilizadas uma ou duas vezes e em seguida plantavam em uma nova área enquanto a primeira ficava em repouso para que recuperasse sua fertilidade.

Nestas terras plantava-se milho, feijão, abóbora, mandioca, entre outros alimentos.



Atual Rua Barão do Rio Branco, em 1944. Fonte: Acervo MHAC.

Tanto caboclos quanto indígenas ocupavam toda a extensão do Oeste catarinense quando, a partir do início do século XX, começaram a chegar aqui as primeiras companhias **colonizadoras**, criadas por descendentes de europeus (alemães, italianos e poloneses) vindos do interior do Rio Grande do Sul em busca de terras para exploração comercial. A chegada desses novos grupos que compartilhavam um outro olhar sobre a ocupação do território - voltado à venda das terras, além da organização de outras práticas culturais - dá início a um processo intenso de transformações no cotidiano da população aqui antes estabelecida, assim como na

paisagem do espaço que passaram a ocupar.

Colonização



É o processo de retalhamento das áreas em glebas de 24 hectares, a chamada colônia, vendida aos pequenos agricultores. Esses eram descendentes de italianos, alemães e poloneses que migraram do Rio Grande do Sul para cá. Essa era uma migração para a colonização, criando, no Oeste Catarinense, a paisagem colonial (RENK, 2005, p. 81).

As companhias colonizadoras inseriram na região diversas famílias de colonos que adquiriam lotes de terras baseadas na pequena propriedade, a fim implementar o modo de exploração comercial da **agricultura familiar**.

Agricultura Familiar



Constituída por pequenas unidades produtivas rurais, em que os agricultores podem ser tanto proprietários da terra e dos meios de trabalho como parceiros ou meeiros, dependendo da região, mas a mão de obra e a gestão das atividades são familiares. A maior parte da produção destina-se à subsistência da família e apenas o excedente é comercializado (RADIN, 2018, p. 7).

Dessa maneira faziam lavoura em suas terras e vendiam o que sobrava (excedente), com o qual obtinham lucro sobre o trabalho realizado. Neste modelo de plantio, era necessário derrubar as florestas nativas para a execução do trabalho, prejudicando a técnica da coivara praticada anteriormente pelos indígenas e caboclos, pois, com a venda da terra os colonos passaram a ter posse, inviabilizando a rotação das terras para o seu cultivo.

Além disso, o aumento populacional fez com que esses grupos se viam muitas vezes obrigados a migrar para áreas mais difíceis de ser cultivadas devido ao seu relevo, as chamadas “terras dobradas”.

Dessa forma, “se para os descendentes de europeus a colonização do Oeste catarinense significou a ocupação de um novo espaço e a exploração das riquezas, para os índios e luso-brasileiros ela representou apropriação e dominação” (WERLANG, 2006, p.16).

Vamos pesquisar?

Realize uma pesquisa na internet ou em um dicionário, e registre em seu caderno o significado dos conceitos abaixo:

- Apropriação
- Dominação



No entanto, esta atividade auxiliou a implantação do ciclo econômico da madeira, predominante nesta região entre as décadas de 1920 à 1950. Como nem toda a madeira derrubada seria utilizada para a construção das moradias, o excedente era vendido para a Argentina, e transportada por balsas (embarcações construídas com toras de madeiras) levadas durante as cheias do Rio Uruguai até os postos de beneficiamento no país vizinho (BELLANI, 1991).



Construção da estrada de rodagem. Década de 1920. Fonte: Acervo MHAC.

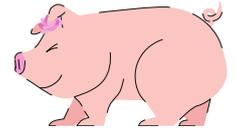
Porém, com a abertura das estradas de rodagem e a chegada do transporte motorizado, as balsas caem em desuso devido aos riscos constantes de perda material e humana, pois como sabemos, as viagens dos balseiros eram bastantes arriscadas, sendo frequentes os relatos de acidentes no percurso (RADIN, 2018). Com o passar dos anos, frente à escassez da madeira para exploração e venda, a região investe em outra atividade econômica: o cultivo de animais em grande escala, dando início ao processo de instalação dos frigoríficos.



Criadores de suínos levando-os para o abate em 1957. Fonte: Acervo MHAC.

A criação de porcos e posteriormente de aves tornou-se uma das principais

atividades econômicas para os produtores rurais nas décadas de 1950 a 1980. Parte do capital investido nos frigoríficos vinham das madeireiras, pois tinham o objetivo de retomar a migração de colonos (BELLANI, 1991).



Os anos seguintes à implantação dos frigoríficos foram de grande crescimento econômico e populacional (ONGHERO, 2013). Este cenário dá início a um intenso processo de transformação na paisagem regional, visto que é acompanhado das urgências de urbanização e modernização, com a instalação das avenidas pavimentadas, iluminação urbana, acompanhada de todo um replanejamento urbano que pudesse conferir à cidade os ares do progresso que todos esperavam como efeitos da nova atividade econômica (PETROLI, 2008).

No decorrer da história do município de Chapecó, percebemos que por muito tempo não houve uma

preocupação do poder público com a extração dos recursos naturais, supondo que os mesmos seriam infinitos, o que levou muitas espécies da fauna e flora a sua quase extinção. Somente após a metade do século XX, as preocupações com o meio ambiente passaram a ganhar mais destaque, ao serem criadas leis de proteção e preservação ambiental. No Estado de Santa Catarina, um exemplo disto é a Lei nº 15.167, de 11 de maio de 2010, a qual criou o Programa de Reflorestamento do Pinheiro Brasileiro (*Araucaria Angustifolia*), que tem por objetivo garantir a longevidade da espécie, promovendo sua conservação.

Após estudarmos sobre a forma como ocorreram as transformações da paisagem em Chapecó e a maneira como os grupos étnicos se relacionaram com o meio ambiente, percebemos que precisamos cada vez mais apoiar a implementação de políticas e participar de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável (separação do lixo,

economia da água, redução do consumo de energia elétrica, consumo consciente). Vamos lembrar que todas essas ações implicarão diretamente em como a transformação da paisagem ao nosso redor poderá influenciar no bem-estar e na qualidade de vida da nossa e das futuras gerações.

Você sabia?



Desde que o município de Chapecó foi criado, em 1917, até a década de 1950, sua extensão territorial era de 14 mil km² e compreendia toda a atual região oeste catarinense - entre os limites com o município de Joaçaba até a fronteira com a Argentina. Este antigo território ficou conhecido como Velho Chapecó, pois a partir de 1950 iniciaram os processos de desmembramentos políticos na área, ocasionando a criação dos municípios que compõem hoje a região.

Atualmente, a extensão territorial do município de Chapecó é de aproximadamente 626 km², cujos limites se localizam entre os municípios de Coronel Freitas, Nova Itaberaba, Cordilheira Alta, Itá, Seara, Arvoredo, Xaxim, Guatambu, Planalto Alegre, além do estado do Rio Grande do Sul.



Mapa do "Velho Chapecó" e principais povoações. Fonte: Fortes (1990).

REFERÊNCIAS

BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai (1917-1950)**. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, Florianópolis, 1991.

CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. **Inventário da cultura imaterial cabocla no oeste de Santa Catarina**. Chapecó: Argos, 2008

FORTES, Adílio. **A Proto-História do Município de Chapecó: oeste de Santa Catarina (1641 a 24/08/1917)**. São Paulo: Carthago Editorial, 1990.

RADIN, José Carlos. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**. José Carlos, Gentil Corazza. Chapecó: Ed. Universidade Federal Fronteira Sul, 2018.

RENK, Arlene. **Dicionário nada convencional: sobre a exclusão no oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício da nação brasileira no oeste catarinense**. 2.ed. Chapecó: Argos, 2006.

ONGHERO, André Luiz. Colonização e constituição do espaço rural no oeste de Santa Catarina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal-RN. **Anais eletrônicos [...]**. Natal-RN: UFRN, v. 1, 2013.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um “desejo de cidade”, um “desejo de modernidade” (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTA CATARINA. **Lei nº 15.167, de 11 de maio de 2010**. Programa de Reflorestamento do Pinheiro Brasileiro (*Araucaria angustifolia*) no Estado de Santa Catarina. Palácio Barriga-Verde, Florianópolis, SC, 11 mai 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: atuação da Companhia Territorial Sul Brasil**. Chapecó: Argos, 2006.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Ilustração Casa 5

DIANA, Juliana. Mata das Araucárias. TodaMatéria.com. 13 jun. 2019. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/mata-das-araucarias/> > Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 9

DANNEMANN, Eitel T. A Questão Da Estrada De Ferro. Efecadepatos.com. 2 fev. 2013. Disponível em: <<https://efecadepatos.com.br/?p=985>> Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 14

SITE SINGULARIDADES.COM. O Jeito Singularidades de Mudar a Educação. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.singularidades.com.br/caminhos/> > Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 15

BELLANI, Eli Maria. Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai (1917-1950). Dissertação (Mestrado em História). UFSC, Florianópolis, 1991.

Ilustração Casa 16

SITE ECOFUTURO.COM. Onça-Parda: o grande felino do parque das neblinas. 08 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.ecofuturo.org.br/blog/onca-parda-o-grande-felino-do-parque-das-neblinas/>> Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 21

LIMA, Higor; SLAVIERO, Luiza. Olho D'água São João Maria e sua tradição sociocultural em Ponta Grossa. PortalComunitário.com. 13 Ago. 2013. Disponível em: <<https://portalcomunitario.sites.uepg.br/index.php/jardim-carvalho/3083-higor-lima-e-luiza-slaviero> > Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 27

SITE CONEXAOPLANETA.COM. Projeto de lei ameaça a sobrevivência da já vulnerável Floresta com Araucária do Brasil. 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://conexaoplaneta.com.br/blog/projeto-de-lei-ameaca-a-sobrevivencia-da-ja-vulneravel-floresta-com-araucaria-do-brasil/#fechar>> Acesso em: 01 mar. 2021.

Ilustração Casa 30

SITE EOS CONSULTORES.COM. Poluição dos Recursos Hídricos e a Responsabilidade Social. 09 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.eosconsultores.com.br/poluicao-dos-recursos-hidricos/>> Acesso em: 01 mar. 2021.

Objetivo do jogo

O jogo tem como objetivo abordar a relação dos grupos humanos com o meio ambiente, ao destacar a atuação dos diferentes grupos étnicos que colonizaram o município de Chapecó (indígenas, caboclos e colonos). Após a leitura atenta da cartilha, vamos observar alguns aspectos sobre a maneira como cada grupo se apropriou dos recursos naturais da região ao longo do tempo!

Instruções

- 1- Os jogadores lançam o dado, quem tirar o maior número começa o jogo.
- 2- O primeiro jogador lança o dado e avança o número de casas indicado na face do dado voltado para cima, começando a contar da casa (Início).
- 3- Se parar em uma casa azul observe o número da casa e a charada correspondente. Que podem indicar AVANCE uma ou duas casas, VOLTE uma ou duas casas, FIQUE uma rodada sem jogar.
- 4- O jogador deve observar a casa em que indica um ATALHO.
- 5- O vencedor é o primeiro jogador a chegar na casa FIM.

Charadas

Casa 5 Você encontrou uma região de muito pinhão e de terra boa para o cultivo. Avance uma casa.

Casa 9 Você encontrou a estrada de ferro utilizada para carregar a madeira, use-a como atalho.

Casa 12 Você comprou terras da colonizadora. O local possui mata fechada e muita “madeira de lei”. Para iniciar a derrubada das árvores, fale de uma ferramenta que auxiliará nesse processo, caso acerte, avance uma casa.

Casa 14 A sua terra indígena foi reduzida, apropriada por grupos colonizadores. Volte 2 casas.

Casa 15 O Rio Uruguai serviu como meio de transporte e do comércio de madeira no Sul do Brasil. A madeira seguia rumo à Argentina em formato de balsas, que eram conduzidas por trabalhadores chamados de balseiros. Você é um balseiro e ao chegar ao Salto Grande no Rio Grande do Sul, sua balsa rompeu-se e você caiu no rio. Retorne uma casa.

Casa 16 Devido a criação da lei de proteção a reservas indígenas a sua aldeia voltou a ter animais em grande número. Fuja da onça avançando uma casa.

Casa 21 A devoção ao monge São João Maria lhe concedeu um milagre e as “Águas santas do monge” restauraram a sua rodada. Jogue o dado novamente.

Casa 24 Você é caboclo e perdeu suas terras durante o período de colonização. Junte-se a sua família e volte uma casa.

Casa 27 Você foi multado (a) por desmatar pinheiros. Fique uma rodada sem jogar.

Casa 30 Você trabalha em uma agroindústria que não se preocupa com os problemas ambientais da cidade despejando lixo em lugares inapropriados. Fique uma rodada sem jogar.

REALIZAÇÃO:

MUSEU DE HISTÓRIA E
ARTE DE CHAPECÓ - MHAC

Secretaria
de Cultura

PREFEITURA DE
CHAPECÓ 

sbm
sistema brasileiro de museus

ibram
instituto brasileiro de museus

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

ISBN: 978-65-00-24200-3

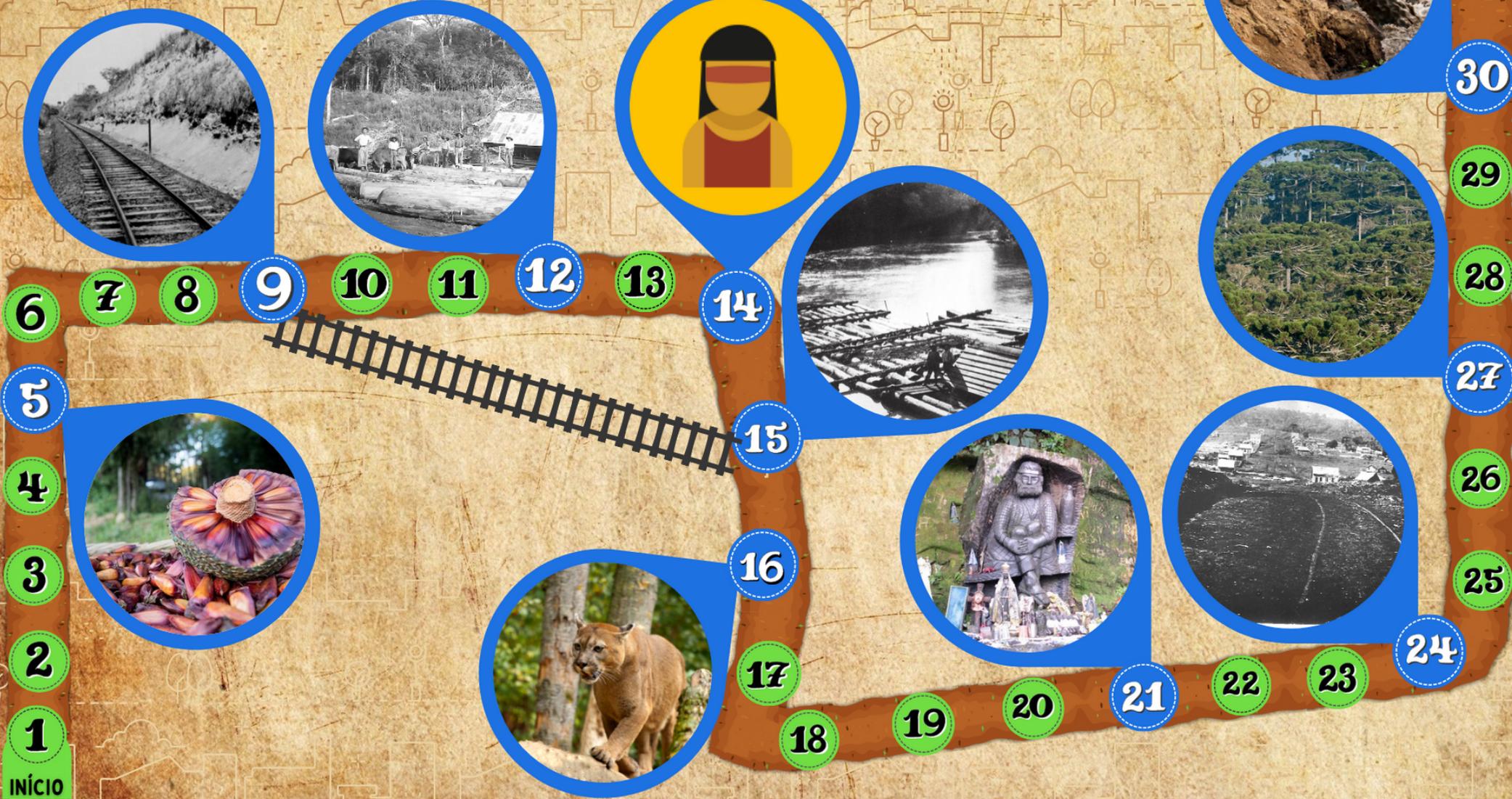


9 786500 242003



TABULEIRO

AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM CHAPECÓ



- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

INÍCIO

FIM